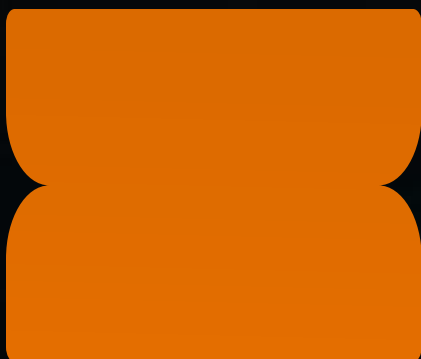




inter

asset



Comentários da
Gestão

Agosto/2026

Contexto macroeconômico

Agosto foi marcado pela continuidade de um ambiente global ainda bastante desafiador, no qual a discussão sobre inflação e política monetária passou a dividir espaço com uma preocupação cada vez mais estrutural: o elevado grau de endividamento das principais economias desenvolvidas. O crescimento dos estoques de dívida pública, combinado a déficits fiscais persistentes e necessidades elevadas de refinanciamento, segue pressionando os juros de longo prazo nas principais economias. Esse movimento é especialmente relevante porque limita uma eventual flexibilização das condições financeiras, mesmo em cenários de desaceleração da atividade.

Nos Estados Unidos, esse debate ganhou ainda mais importância após o encontro anual de Jackson Hole. Kevin Warsh adotou uma postura mais dura em suas colocações, reforçando a necessidade de maior segurança em relação à trajetória da inflação e elevando, em nossa leitura, a barra para que o Federal Reserve deixe de subir os juros na reunião de setembro. A mensagem transmitida foi de cautela. Para que o Fed opte por não realizar um novo aperto, será necessário que os próximos dados mostrem sinais suficientemente claros de moderação inflacionária e/ou enfraquecimento mais consistente da atividade econômica e do mercado de trabalho.

No Brasil, acreditamos que a principal discussão dos próximos trimestres deverá migrar gradualmente da inflação corrente para a intensidade da desaceleração da atividade econômica. Os efeitos acumulados de um período prolongado de juros elevados começam a se tornar mais evidentes, principalmente por meio do canal de crédito.

Esse movimento merece atenção especial entre as pessoas físicas. O elevado nível de endividamento das famílias, aliado ao alto comprometimento da renda e ao custo elevado de novas operações de crédito, reduz significativamente a capacidade de expansão do consumo. Esse processo pode gerar uma desaceleração mais acentuada da atividade nos próximos trimestres do que aquela atualmente incorporada em parte das projeções. Além disso, o Brasil convive hoje com poucos vetores capazes de sustentar uma aceleração significativa do crescimento à frente. Do lado fiscal, o espaço para expansão de gastos está cada vez mais limitado pela necessidade de controle da trajetória da dívida pública e pela manutenção da credibilidade fiscal. Do lado das famílias, o alto grau de endividamento reduz a capacidade de crescimento do consumo. E, finalmente, do lado dos investimentos, taxas reais de juros muito elevadas geram um efeito importante de *crowding out* sobre o setor privado. Quando aplicações financeiras de baixo risco oferecem retornos elevados, projetos produtivos passam a exigir taxas de retorno muito maiores para justificar sua implementação. Como consequência, parte dos investimentos privados é adiada ou deixa de ocorrer. Esse fenômeno é particularmente relevante porque não afeta apenas o crescimento corrente. Menores investimentos hoje significam menor formação de capital e, portanto, menor capacidade de crescimento potencial da economia nos próximos anos.

Contexto macroeconômico

O aperto monetário realizado no passado recente começa a produzir efeitos cada vez mais claros sobre crédito, consumo e decisões de investimento. Caso essa desaceleração continue avançando, o hiato do produto deverá se tornar progressivamente mais negativo, reduzindo as pressões inflacionárias à frente. Isso não significa, entretanto, que exista espaço para uma flexibilização imediata ou agressiva. O Banco Central continuará observando atentamente a evolução das expectativas de inflação, o comportamento da inflação de serviços, a dinâmica salarial, o câmbio e, sobretudo, a percepção de risco fiscal. Uma eventual deterioração adicional da percepção fiscal poderia pressionar os prêmios de risco, provocar desvalorização cambial e limitar a velocidade de redução dos juros. Ainda assim, acreditamos que o debate de política monetária deverá mudar gradualmente ao longo dos próximos meses. A pergunta deixará de ser apenas por quanto tempo a Selic deverá permanecer em terreno extremamente restritivo e passará a ser qual a velocidade adequada de normalização da política monetária diante de uma economia em desaceleração. Se o enfraquecimento do crédito às famílias se intensificar e começar a produzir efeitos mais claros sobre consumo, mercado de trabalho e investimento, os riscos para o crescimento poderão se tornar assimétricos para baixo. Nesse ambiente, a inflação tende a responder com alguma defasagem, criando condições para o início de um processo de flexibilização monetária.

No mercado de renda fixa local, tivemos um mês em que os principais benchmarks fecharam acima do CDI, mas tiveram retornos positivos nominalmente. O IMA-B5, composto por NTN-Bs mais curtas, avançou 1,28%, sendo o destaque positivo. O IMA-B registrou valorizou 1,58%, enquanto o IMA-B5+, de *duration* mais longa, subiu 1,81%. O IRF-M, composto por títulos prefixados, teve retorno de +1,04%. No mês, o CDI rendeu 1,09%.

No câmbio, o real apresentou desvalorização de 2,22% frente ao dólar. No mercado internacional, o S&P 500 subiu 2,62%. Da mesma forma, o Russell 2000, representativo das *small caps* americanas, apresentou alta de 0,89%. Já nos títulos prefixados americanos, após forte abertura em julho, apresentou um comportamento mais modesto com leve abertura de 5 bps nos vértices mais curtos (até 5 anos) e estabilidade nos vértices intermediários e longos. O DXY, índice que mede o desempenho do dólar frente a uma cesta de moedas fortes, desvalorizou 0,49% no mês.

Entre as commodities, o petróleo apresentou alta de 1,29% ainda como reflexo das tensões geopolíticas, enquanto o minério de ferro subiu 4,35%.

Renda Fixa

Crédito Privado

No universo corporativo brasileiro, o mês de agosto ficou marcado pela temporada de resultados do 2T26 e pela intensificação do noticiário envolvendo recuperações judiciais e extrajudiciais.

De modo geral, os resultados vieram dentro do esperado. Permanece evidente o impacto das despesas financeiras sobre os balanços. Nesta última temporada, tornaram-se mais evidentes as consequências de desaceleração da atividade, especialmente entre as companhias ligadas ao consumo.

No setor bancário, as discussões ficaram especialmente concentradas na qualidade do crédito. O aumento da inadimplência ganhou maior evidência no trimestre, em maior ou menor proporção a depender da instituição. Ainda que o risco de crédito tenha ganhado maior relevância no período, o Sistema Financeiro Nacional (SFN) segue bem capitalizado e as principais instituições priorizam prudência e redução do risco.

Em paralelo, as notícias de recuperações judiciais e extrajudiciais aumentaram ao longo do mês. Na maior parte das situações, porém, trata-se de empresas que já enfrentavam dificuldades há algum tempo – de natureza setorial ou decorrentes de decisões de investimento que não produziram os resultados esperados. Esses riscos já eram, em grande medida, conhecidos pelos alocadores profissionais e vinham sendo incorporados aos preços dos ativos, reduzindo o potencial de surpresa.

Esse cenário reforça um ponto que consideramos central: o aumento generalizado da inadimplência nas pessoas físicas e empresas de menor porte não se confunde com a realidade do universo *high grade*. Nesse segmento, não observamos uma deterioração generalizada da qualidade de crédito ou uma mudança relevante nos fundamentos dos principais emissores. Os desafios enfrentados pelas grandes empresas mencionadas nos noticiários têm caráter idiossincrático, apesar de os juros exercerem pressão adicional em seus balanços.

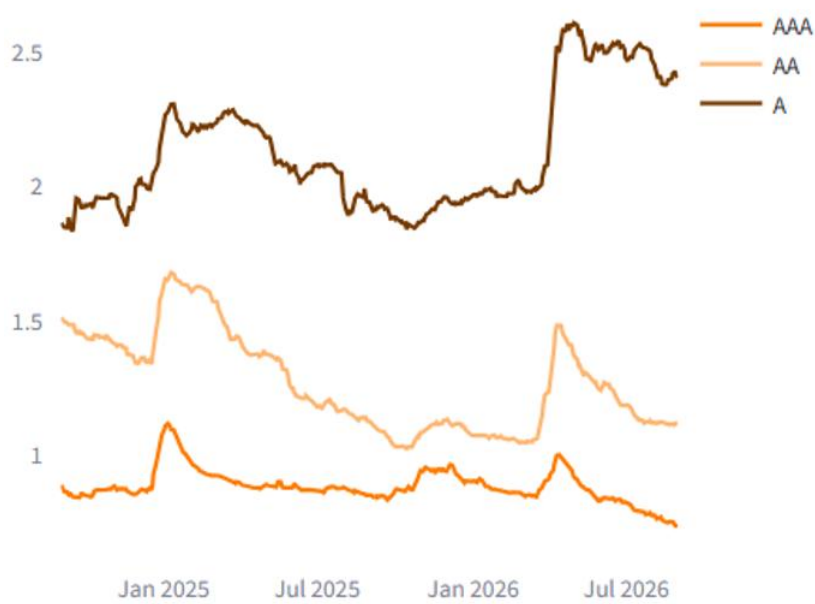
Essa realidade é evidente nas estatísticas de inadimplência do setor financeiro. A inadimplência acima de 90 dias das MPMEs (micro, pequenas e médias empresas) atingiu 5,96% em julho de 2026. Enquanto isso, o mesmo indicador para grandes empresas é de apenas 0,77%, segundo dados do Banco Central.

Renda Fixa

Crédito Privado

No mercado de crédito privado, essa diferenciação aparece com clareza na precificação. A distância entre as taxas praticadas para os créditos com melhor ou pior percepção de risco está na máxima dos últimos anos, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

Debêntures Institucionais - Spread por Rating



Data-base: 28/08/2026. Taxas em CDI+. Fonte: elaboração própria com base em dados da Anbima.

O ambiente atual exige mais seletividade, mas uma leitura de deterioração generalizada não reflete a realidade do crédito *high grade*, que permanece resiliente. De toda forma, a construção eficiente dos portfólios permanecerá como um importante instrumento de proteção no ciclo econômico atual. Essa leitura reforça nossa preferência estrutural por setores como financeiro e infraestrutura, que, de modo geral, apresentam maior previsibilidade de receitas e menor exposição à dinâmica do consumo doméstico.

Renda Variável

Em agosto, o Ibovespa apresentou uma desvalorização de 0,33%, fechando o mês em 177.419 pontos. Nos Estados Unidos, os índices S&P 500 e Nasdaq Composite tiveram retorno de 2,72% e 3,93%, respectivamente.

Nesse intervalo, o Inter Ações Valor FIA se desvalorizou em 1,25%, ficando abaixo do benchmark em 0,92%. Em 2026, a performance do Inter Ações Valor é de -1,46% contra 10,11% do Ibovespa. Desde o início, em 23/11/2020, o Inter Ações Valor apresentou uma rentabilidade de 28,37%, contra 65,23% do índice.

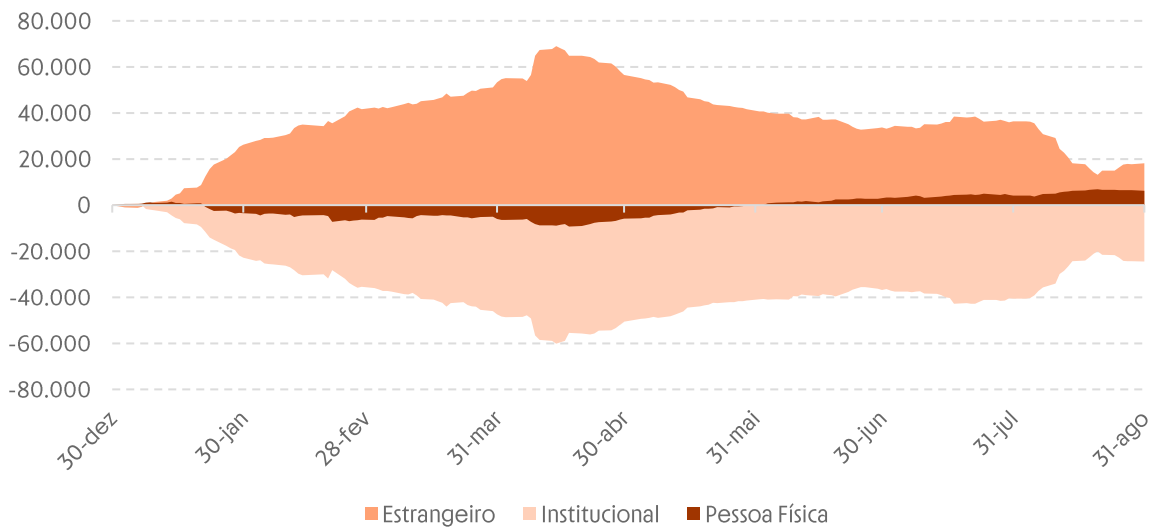
O Inter Dividendos FIA se desvalorizou em 1,16% no mês, 0,49% acima do benchmark (IDIV). No ano, a performance do Inter Dividendos FIA é de +10,83%, contra +8,37% do IDIV. Desde o início, em 14/02/2022, a performance do Inter Dividendos FIA é de +91,25%, contra +83,89% do índice.

O Inter Valor Prev 70 (que espelha em cerca de 70% a mesma estratégia do Inter Ações Valor) se valorizou em 0,37%. Em 2026, a performance do Inter Valor Prev 70 é de 1,39% (14,93% do CDI). Desde a mudança de estratégia/gestão, em 04/11/2024, o Inter Valor Prev 70 apresentou uma rentabilidade de 26,32%, contra 27,03% do índice (97,35% CDI).

O ruído é macro. O valor é micro.

Agosto foi um mês de realismo para a bolsa brasileira. O Ibovespa encerrou praticamente no zero a zero em reais (-0,3%), mas recuou 2,3% em dólares – reflexo de um mês marcado por saída expressiva de capital estrangeiro, ruído eleitoral crescente e uma temporada de resultados que dividiu opiniões entre os analistas do mercado. No exterior, os mercados globais tiveram desempenho positivo, puxados por uma temporada de resultados robusta nos Estados Unidos e pela retomada do entusiasmo em torno da inteligência artificial. O Brasil, mais uma vez, andou na contramão **(ver gráfico 1)**.

Gráfico 1 - Fluxo de Investimento Acumulado B3 - 2026 (R\$ Bilhões)

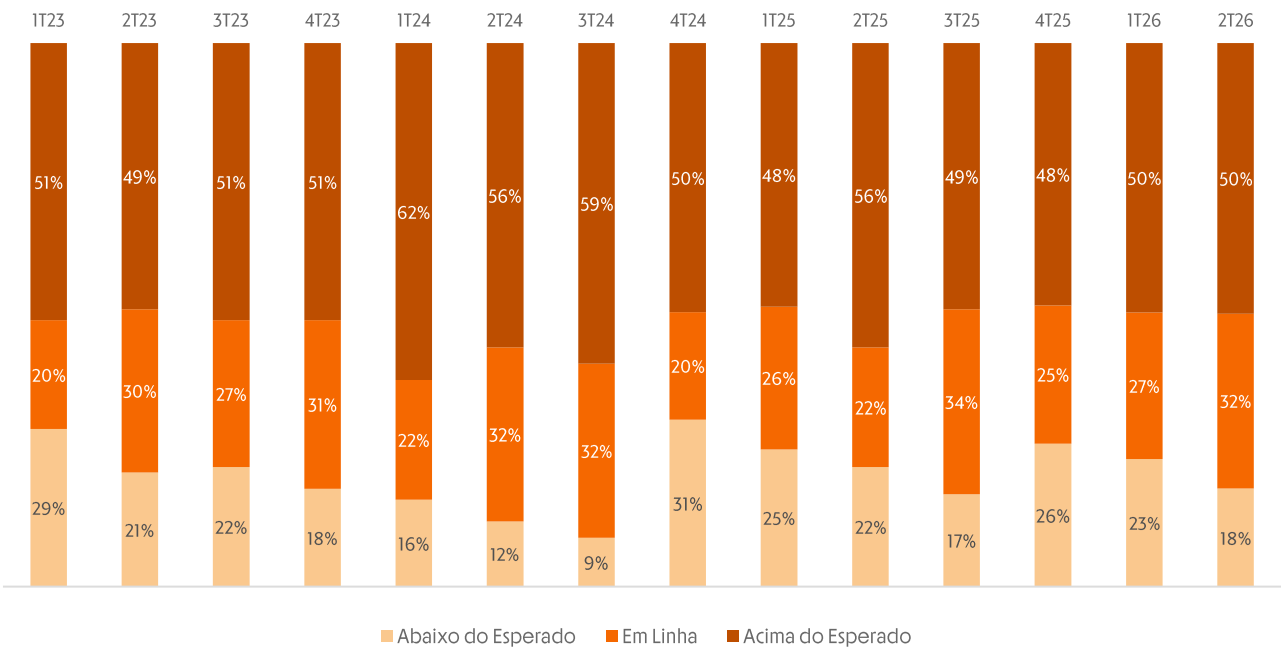


Renda Variável

O fluxo estrangeiro foi o elemento mais impactante do mês. Após a reversão positiva de julho, agosto registrou a maior saída mensal do ano: R\$ 18,1 bilhões deixaram a bolsa brasileira – o maior volume desde março de 2020. O movimento foi concentrado na primeira metade do mês, com o fluxo acumulando R\$ 23,2 bilhões negativos até o dia 20, antes de uma reversão parcial nos últimos pregões, com entrada de cerca de R\$ 5,1 bilhões nas semanas finais. Esse movimento de reversão no fim do mês, ainda que modesto, merece atenção.

No campo dos resultados corporativos, a temporada do segundo trimestre trouxe uma leitura construtiva em nossa avaliação. Em nossa cobertura, 50% das empresas tiveram resultados positivos, enquanto 32% ficaram em linha e apenas 18% decepcionaram – resultado consistente com os melhores trimestres da nossa série histórica **(ver gráfico 2)**. Esse desempenho é relevante especialmente quando consideramos o ambiente em que foi produzido: juros reais próximos de 8% ao ano, crédito mais restritivo e atividade doméstica já dando sinais de acomodação. A resiliência dos resultados até aqui é real – mas reconhecemos que ela será testada. Se o juro real permanecer nesse patamar por mais tempo do que o mercado antecipa, se a atividade econômica desacelerar de forma mais intensa em 2027, ou se o próximo governo precisar promover um ajuste fiscal mais severo no início do mandato, é razoável esperar que parte dessas estimativas de lucro seja revisada para baixo. Não construímos o portfólio sobre um único cenário – e é justamente por isso que nosso foco está em empresas com capacidade de atravessar diferentes ciclos, incluindo os mais adversos: negócios com geração de caixa previsível, baixa dependência de crédito barato e balanços que oferecem margem para navegar períodos mais difíceis sem comprometer a tese de longo prazo.

Gráfico 2 - Percentual de empresas acima, em linha e abaixo do esperado por trimestre



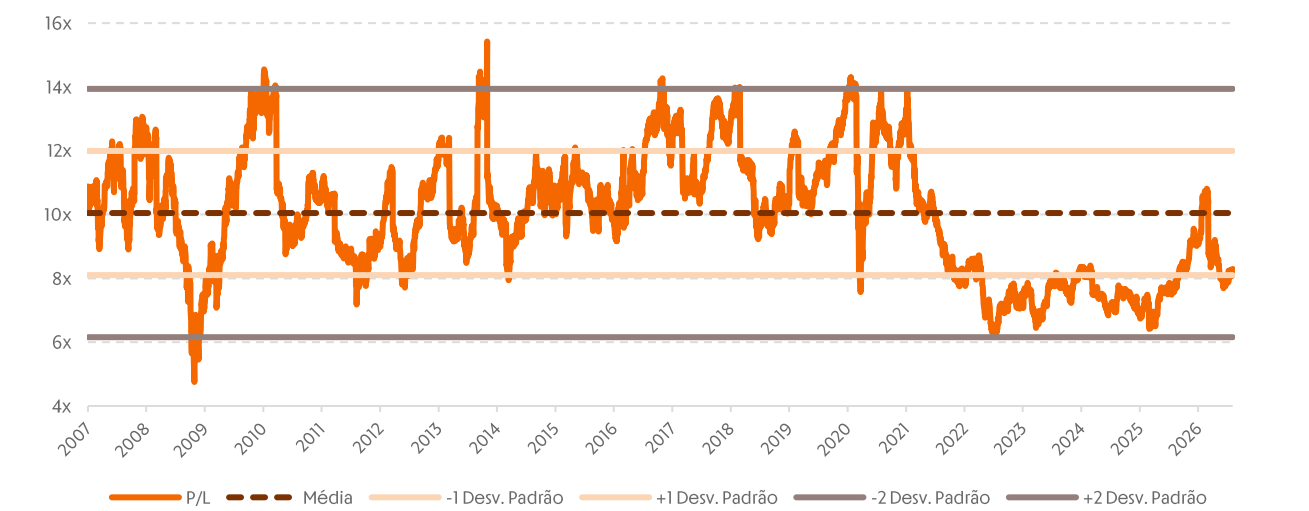
Fonte: Elaboração própria

Renda Variável

No campo doméstico, o tema que mais ocupou espaço nas conversas de mercado em agosto foi o nível dos juros reais no Brasil. As NTN-Bs de longo prazo seguiram próximas da marca de 8% ao ano em termos reais – um nível que, olhando a série histórica, só aparece em janelas muito específicas, geralmente associadas a momentos de forte deterioração do ambiente econômico. Para o investidor de longo prazo, esse dado é relevante não apenas como termômetro do custo de capital, mas como sinalizador de que o mercado está embutindo nos preços um cenário bastante severo.

Nossa filosofia parte sempre do mesmo princípio: preços comprimidos por fatores conjunturais, em empresas com fundamentos intactos, são o ponto de partida para as melhores oportunidades.

Gráfico 3 - P/E Ibovespa próximos 12 meses



Vale colocar em perspectiva o que um juro real nesse patamar representa para além dos preços dos ativos. Uma taxa real acima de 8% mantida por um período prolongado eleva o custo de capital da economia como um todo – comprime o investimento das empresas, aumenta o peso do serviço da dívida sobre as famílias, que já comprometem uma fatia relevante da renda com juros, e tende a produzir uma desaceleração progressiva da atividade. O crédito, que ainda sustenta parte do consumo hoje, começa a dar sinais de estresse em alguns segmentos, com inadimplência em alta e condições de refinanciamento mais apertadas. O número de recuperações judiciais acumula alta relevante nos últimos doze meses, especialmente em setores mais sensíveis ao ciclo doméstico. Esse é o custo visível de manter o juro onde está. A boa notícia é que as leituras mais recentes de inflação vieram abaixo do esperado, abrindo espaço para que o Banco Central – que já cortou a Selic em 25 pontos-base para 14,00% em agosto – siga em frente com o ciclo de afrouxamento. A direção parece estar se abrindo, ainda que de forma cautelosa.

Renda Variável

Dito isso, reconhecemos que a volatilidade deve permanecer elevada nos próximos meses. O Brasil está entrando com mais intensidade no período eleitoral, com pesquisas de intenção de voto ganhando espaço no noticiário e os primeiros movimentos de candidatos e partidos começando a pautar o humor do mercado. As pesquisas mais recentes consolidam um cenário de segundo turno praticamente certo, com a corrida entre os dois principais candidatos dentro da margem estatística – e um terceiro nome ganhando relevância suficiente para eliminar qualquer chance de definição no primeiro turno. Não utilizamos cenários eleitorais como base para nossas alocações – e nunca utilizaremos –, mas tampouco ignoramos que esse elemento tende a amplificar oscilações, especialmente em momentos em que o mercado já opera com pouca visibilidade macro. A definição do próximo governo terá implicações diretas sobre a trajetória fiscal, e qualquer sinalização de maior disciplina nesse front – independente de qual governo a promova – tende a ser bem recebida pelos ativos de risco.

Reconhecemos, naturalmente, que há incertezas importantes à frente. A questão fiscal segue sem uma solução estrutural clara, e não sabemos se o próximo governo terá disposição e capacidade política para promover o ajuste que o mercado espera, nem em que magnitude isso se dará. Um 2027 mais desafiador do ponto de vista de atividade econômica é um cenário plausível, especialmente se o ajuste fiscal vier com intensidade ou se o ciclo de crédito se deteriorar mais do que o esperado. São variáveis reais, que não ignoramos – e que reforçam nossa preferência por empresas com estruturas de capital mais conservadoras e menor exposição a ciclos de crédito.

Não sabemos quando esse movimento se concretizará com plena intensidade – e seria desonesto afirmar o contrário. O que sabemos, e o que nos guia, é que o investidor que espera a tendência se confirmar para então agir geralmente chega tarde. Nossa estratégia é estar posicionados antes – em empresas com fundamentos sólidos, boa geração de caixa e margem de segurança adequada –, para que, quando o pêndulo do Senhor Mercado finalmente se mover com mais força na direção oposta, nossos cotistas já estejam bem alocados.

Vale fazer uma confissão honesta sobre tudo o que escrevemos até aqui. Dedicamos boa parte desta carta – como fazemos todo mês – a discutir juros, fluxo, inflação, eleições e cenário fiscal. Esses temas são relevantes, acompanhamos todos eles de perto, e eles ajudam a contextualizar o momento. Mas seria desonesto não dizer que, no nosso dia a dia de trabalho, eles ocupam uma fração pequena do nosso esforço real. A maior parte do nosso tempo está nas empresas: entendendo o negócio, acompanhando a evolução das margens, questionando a alocação de capital, avaliando a qualidade da gestão, revisando projeções de geração de caixa. É ali que o jogo é ganho ou perdido. No longo prazo, o preço de uma ação segue o lucro, os dividendos e a capacidade da empresa de reinvestir a taxas atrativas – e isso é essencialmente independente do ambiente macro. O macro cria ruído. O micro cria valor. E é no micro que vivemos.

Seguimos pacientes, disciplinados e comprometidos com essa filosofia.

Fundos Imobiliários

O IFIX encerrou agosto com a sua quarta queda mensal consecutiva, com uma desvalorização de 1,46%, atingindo 3.762,79 pontos, refletindo a continuidade de um ambiente de cautela por parte dos investidores, marcado pela reprecificação das expectativas para o ciclo de flexibilização monetária e pela manutenção de um cenário de incertezas fiscais e políticas no mercado doméstico. O resultado negativo foi o mais expressivo dessa sequência de quedas.

Apesar da queda da Taxa Selic em 0,25p.p em agosto, resultando na taxa de 14,0% a.a., o desempenho negativo no mês e a redução das expectativas quanto à velocidade dos próximos cortes continuaram pressionando os ativos imobiliários. No cenário externo, as incertezas relacionadas à política monetária norte-americana e às tensões geopolíticas permaneceram contribuindo para um ambiente de maior aversão ao risco, limitando a recuperação do setor.

A próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) está marcada para os dias 15 e 16 de setembro e a expectativa do mercado é de um novo corte de 0,25p.p, levando a taxa ao patamar de 13,75%.

O IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) subiu 0,07% em julho, ante 0,16% em junho. No acumulado em 12 meses, o índice ficou em 4,44%, abaixo da variação de 4,64% apurada até junho. Com esse resultado, o valor permanece dentro do intervalo de tolerância da meta definida pelo Banco Central. Entre os grupos, novamente habitação teve a maior alta de preços, enquanto alimentos e bebidas registraram a maior queda.

O mercado de Fundos Imobiliários enfrenta um cenário desafiador com a alta da taxa Selic, que mesmo reduzida para 14,00% a.a., ainda está em um patamar histórico elevado, prejudicando a competitividade do setor. Apesar da pressão de curto prazo sobre as cotas, os fundamentos operacionais dos fundos imobiliários permanecem sólidos, com bons níveis de ocupação, crescimento gradual dos aluguéis e distribuição de rendimentos resiliente.

As expectativas para os próximos meses continuam condicionadas, principalmente, à evolução da inflação e ao comportamento das contas públicas, fatores que influenciam diretamente a trajetória dos juros de longo prazo. Embora o mercado ainda espere uma redução da Selic ao longo de 2026, as projeções vêm sendo revisadas de forma mais cautelosa, indicando que o processo de queda poderá ocorrer de maneira mais lenta do que se estimava anteriormente. Apesar disso, a recuperação na última semana e os resultados do IPCA, que sinalizam para a manutenção do ciclo de queda da Selic, levam parte dos analistas a projetar uma recuperação do mercado para os próximos meses.

Fundos Imobiliários

INLG11

Em agosto foram distribuídos R\$ 0,60 por cota, conforme esperado pela projeção de resultados. A receita de locação do mês veio abaixo do esperado por conta da inadimplência de 2 clientes, sendo um deles representativo para o portfólio. Do mês passado, apenas um cliente segue inadimplente. Historicamente, as inadimplências são recuperadas na grande maioria dos casos no mês seguinte, não afetando o Fundo no longo prazo. As despesas seguem conforme planejadas, com os investimentos em obras para garantir a manutenção da qualidade dos ativos, mantendo a competitividade, sendo que novas obras pontuais foram aprovadas, com pagamento programado para o final do ano. Além disso, a vacância do Fundo segue zerada. Ademais, no dia 27 de julho de 2026, foi liquidado o CRI para a compra da participação restante do Fundo no ativo Gaiolli, em Guarulhos/SP. Em agosto, foi iniciado o recebimento pro-rata dos aluguéis, referente aos dias do mês anterior nos quais o Fundo já era proprietário da fração do ativo, e a partir de setembro a receita do ativo passa a pertencer integralmente ao Fundo.

INRD11

Em agosto, o INRD11 distribuiu R\$ 0,72 por cota, mantendo-se no patamar mais elevado histórico do Fundo. A receita veio em linha com o esperado, continuando a tendência positiva observada desde junho de 2025 devido à boa ocupação do portfólio e aos preços de locação corrigidos acima da inflação nos novos contratos firmados. As despesas seguem em linha com o planejamento de investimentos para conservação, manutenção e melhorias dos ativos, mantendo a qualidade e competitividade deles. Lembrando que esses investimentos estão de acordo com o planejamento da Gestão e não tem previsão de impactar no resultado e na distribuição de dividendos. Foi aprovada no dia 27 de julho de 2026, após Assembleia Geral Extraordinária, a pauta em votação para dissolução e liquidação do Fundo, mediante a liquidação total dos ativos. A liquidação do Fundo será realizada mediante a entrega, aos cotistas do Fundo, das cotas de emissão do INHF11 a serem detidas pelo Fundo, bem como dos demais ativos e caixa integrantes de seu patrimônio, após o pagamento de todas as despesas do Fundo. Além disso, no dia 1 de setembro, foi disponibilizado aos cotistas, o formulário para o envio do custo médio de aquisição das cotas.

ITIT11

Em agosto, o IFIX apresentou retorno de -1,46%, sendo o retorno do segmento de fundos de tijolo de -1,76% e do segmento de Papel de 0,68%. O Fundo apurou no mês resultado distribuível de R\$0,60 por cota e anunciou distribuição de R\$ 0,62 por cota, o que representa um *yield* mensal de 0,97% em relação a cota de fechamento no mês, e 95% do CDI líquido (considerando a alíquota mínima de 15% sobre o retorno). No mês, o ITIT11, que investe em cotas de Fundos do segmento de tijolo teve desempenho patrimonial de -1,66%. O Fundo encerrou o mês com deságio de 13,6% sobre o valor patrimonial, considerando o fechamento de agosto.

Fundos Imobiliários

ITIP11

Em agosto, o IFIX apresentou retorno de -1,46%, sendo o retorno do segmento de fundos de tijolo de -1,76% e do segmento de Papel de 0,68%. O Fundo apurou no mês resultado distribuível de R\$0,74 por cota e anunciou distribuição de R\$ 0,92 por cota, o que representa um *yield* mensal de 1,40% em relação a cota de fechamento no mês, e 137% do CDI líquido (considerando a alíquota mínima de 15% sobre o retorno). No mês, o ITIP11, que investe em cotas de Fundos do segmento de Papel teve desempenho patrimonial de -1,06%. O Fundo encerrou o mês com deságio de 16,1% sobre o valor patrimonial, considerando o fechamento de agosto. No dia 27 de julho de 2026, foi encerrada a Assembleia Geral Extraordinária, com aprovação, pelos cotistas, sobre a proposta de reorganização do Fundo, através do INHF11, veículo gerido pela Inter Asset.

INDE11

Projeto Jamaris

Seguimos no aguardo quanto à ativação do Eixo Norte-Sul que segue em aprovação na prefeitura. Reforçando que, apesar da data de lançamento incerta, o percentual de permuta financeira será ajustado visando manter a rentabilidade planejada ao Cotista (TIR de IPCA + 18,65%). Esse movimento está previsto no contrato celebrado com a Incorporadora.

Projeto JML

Foi obtido, no dia 28 de agosto de 2026, o Registro de Incorporação. Com isso, o projeto está licenciado para iniciar as vendas. No terreno, a obra do estande de vendas foi finalizada e já está aberto para visitas de interessados. Além disso, já está ativa a campanha de marketing online e as imobiliárias e corretores estão devidamente treinados para o iniciar das vendas.

Inter Oportunidade

Em agosto, o Fundo distribuiu R\$ 0,79 para as cotas Sênior e R\$ 1,17 para as Subordinadas. No mês, não ocorreu qualquer inadimplência e o Fundo locou o último módulo vago, resultando em vacância física e financeira zero para o portfólio. A gestora e consultora continuarão o trabalho de renovação e locação buscando crescimento acima da inflação para o remanescente do ativo.



Disclaimer

Esse material tem o único propósito de divulgar informações e dar transparência à gestão executada pela Inter Asset Gestão de Recursos Ltda, não significando oferta de venda dos fundos de investimento geridos pela empresa. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Os fundos geridos pela Inter Asset utilizam estratégias que podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Os indicadores econômicos são meras referências econômicas, e não metas ou parâmetros de performance. Para avaliação da performance de um fundo de investimento, é recomendável a análise de, no mínimo 12 (doze) meses. Leia o Formulário de Informações Complementares, Lâmina de Informações Essenciais e o Regulamento antes de investir. Todos os documentos, como Regulamento, Formulário de Informações Complementares e Lâmina de Informações Essenciais podem ser encontrados em www.interasset.com.br.

